intrínseca

# O CONSTANTE CORRER DAS HORAS

JUSTIN GO

# O CONSTANTE CORRER *das* HORAS

JUSTIN GO

Tradução de Izabel Aleixo

intrínseca

Copyright © 2014 by Twyning and Hooper Inc.

Trecho da página 19 retirado de "Se", de Rudyard Kipling, traduzido por Guilherme de Almeida.

TÍTULO ORIGINAL
The Steady Running of the Hour

PREPARAÇÃO
Ana Resende
Marluce Faria

REVISÃO
Clarissa Peixoto

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G497c

Go, Justin Gakuto
O constante correr das horas / Justin Gakuto Go ; tradução Izabel Aleixo - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.

432 p. ; 23 cm.
Tradução de: The steady running of the hour
ISBN 978-85-8057-709-9

1. Ficção americana. I. Aleixo, Izabel. II. Título.

15-19535 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2015]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para minha mãe e meu pai*

*Estranho amigo, disse eu, não há nada a lamentar.*
*Nada, disse o outro, a não ser os anos perdidos,*
*A falta de esperança. E não importa qual seja sua esperança,*
*Assim também foi com minha vida; persegui com ímpeto*
*A beleza mais selvagem do mundo,*
*Que não tem calma nos olhos, ou tranças nos cabelos,*
*E faz pouco do constante correr das horas,*
*E quando sofre, sofre com mais esplendor do que aqui…*

— *Wilfred Owen, "Um estranho encontro"*

# A FORTUNA

A carta chegou por mensageiro na semana passada.

Assim que a peguei, soube que o material era sofisticado. A superfície porosa do papel velino, a marca d'água que transpareceu quando o segurei contra a luz. A carta está na minha mochila, no bagageiro acima do meu assento, mas consigo imaginar as fibras cor de creme, a sensação do timbre impresso. *Twyning & Hooper, Advogados, Bedford Row, 11, Londres.*

O mensageiro bateu à minha porta, com um envelope e uma prancheta na mão. Perguntou meu nome.

— É um serviço especial de entrega — explicou ele. — O remetente solicitou que conferíssemos sua identidade.

Mostrei ao mensageiro minha carteira de motorista e assinei o recibo. Ele colocou a correspondência na minha mão. No balcão da cozinha, removi o lacre plástico do envelope da empresa de entrega. Dentro havia um envelope menor, cor de creme.

Li a carta de pé, em frente à pia.

*Prezado sr. Campbell,*

*Sou o inventariante de um espólio cuja maior parte dos bens ainda não foi entregue. Recentemente recebemos uma informação que aponta uma ligação significativa entre o senhor e o beneficiário nomeado. Como não conseguimos achar seu número de telefone, estamos enviando*

*esta carta para seu endereço residencial com o objetivo de fazer contato urgente.*

*Gostaria de salientar que a resolução adequada desse caso é de nosso total interesse. Consequentemente, agradeceríamos muito se o senhor entrasse em contato conosco assim que possível pelo número de telefone informado, ligação a cobrar.*

*Para seu próprio proveito, por favor, mantenha esse assunto estritamente confidencial até que tenhamos a oportunidade de conversar.*

*Com os meus melhores cumprimentos,*
*J. F. Prichard*
*Advogado – Cliente Particular*
*Em nome de Twyning & Hooper, Ltda.*

Desci quatro quarteirões até a Valencia Street para usar um telefone público. O fone de plástico estava parcialmente quebrado, mas quando o levei à orelha ouvi o sinal para discagem. Fui transferido para três telefonistas diferentes antes de a ligação para a Inglaterra ser completada.

A secretária do escritório de advocacia atendeu. Ela disse que o sr. Prichard não estava na mesa dele, e que eu poderia falar com sr. Geoffrey Khan. O homem me pareceu sem fôlego ao telefone.

— Então você existe mesmo. Meu Deus. James vai ficar muito satisfeito. A secretária está tentando localizá-lo. Escute, para o caso de a ligação cair, você poderia me dar o número do seu telefone? Tivemos muita dificuldade para achar seu endereço...

— Não tenho telefone no momento.

— Sei... Por favor, não desligue. James vai atendê-lo num minuto. Mas me diga uma coisa: a sua avó...

Outra voz surgiu ao telefone. O segundo homem parecia mais velho e pronunciava as palavras com uma estranha precisão.

— Aqui é James Prichard. Geoffrey, pode deixar comigo agora.

Khan pediu licença e desligou.

— Sr. Campbell — disse Prichard —, antes de mais nada gostaria de lhe agradecer por ter telefonado. Por favor, me perdoe, mas tenho que verificar se estou mesmo falando com a pessoa certa, no caso de termos cometido algum engano. Você se incomodaria de responder a algumas perguntas simples?

Apertei o botão que aumentava o volume do telefone.

— Não.

— Esplêndido. E devo acrescentar que obviamente não temos nenhuma relação com qualquer investigação oficial e que não precisa falar conosco se não quiser, embora isso possa ser do seu interesse. Naturalmente todas as informações fornecidas serão utilizadas apenas para a resolução desse caso e serão mantidas em sigilo absoluto. O senhor se incomodaria de me dizer o nome completo da sua mãe?

— Elizabeth Marie Campbell.

— E o nome de solteira dela?

— Martel.

— Onde ela nasceu?

— São Francisco.

— Obrigado. E o nome da sua avó?

Hesitei.

— Era Charlotte Grafton. Não sei se ela tinha outro nome...

— Sem problemas. E você sabe onde ela nasceu?

— Em algum lugar na Inglaterra.

— De fato. Muito obrigado por responder às minhas perguntas. Se me permitir, gostaria de lhe explicar de maneira breve por que estamos fazendo todo esse estardalhaço. Há cerca de oitenta anos, meu escritório foi contratado para fazer um testamento bastante singular. Nosso cliente faleceu não muito tempo depois de o testamento ficar pronto. Surpreendentemente o espólio dele nunca foi requerido pelo principal benificiário. Mais surpreendente ainda é que o testamento estabeleceu um acordo para a retenção dos bens até que eles pudessem ser repartidos com o beneficiário ou seus herdeiros diretos. Por uma série de razões, essa divisão nunca foi possível.

Prichard fez uma pausa. Ouvi uma voz de mulher ao fundo. O advogado tapou o telefone e respondeu a ela.

— Me perdoe — disse Prichard. — Recentemente encontramos um documento que sugere uma relação entre o senhor e esse beneficiário. Não quero lhe dar falsas esperanças, mas há muito tempo queremos realizar o desejo do nosso cliente, e essa é a primeira informação substancial que recebemos em décadas. Preciso enfatizar que tudo isso deve ser mantido em sigilo, em prol dos seus interesses e também dos nossos. Atenção indevida pode ser um impedimento a qualquer reivindicação formal da sua parte.

Eu disse a Prichard que entendia.

— Posso imaginar que seja muita informação para ser digerida de uma só vez — continuou ele —, e sobretudo vinda do outro lado do Atlântico. Então

certamente você vai querer investigar o nosso escritório, obter informações a nosso respeito. Posso lhe perguntar mais uma coisa? O senhor sabe onde estão os documentos da sua família? Quer dizer, essa papelada ainda existe? Tem acesso a ela?

— Não tenho certeza.

— Estou falando não apenas da sua certidão de nascimento, mas também dos documentos de sua mãe e principalmente dos documentos de sua avó.

— Duvido muito, mas posso dar uma olhada. Não acredito que a gente tenha ficado com nada da minha avó.

— Seria ótimo se pudesse fazer isso. Geoffrey vai lhe passar a lista dos documentos que são de nosso interesse.

Um caminhão de bombeiros passou atrás de mim, a sirene estridente alternando o tom à medida que o veículo avançava.

— Que barulheira — disse Prichard. — Você está na rua?

— Num telefone público.

— Ah — suspirou Prichard. — Por isso Geoffrey não conseguiu encontrar o seu número. Bem, só mais uma coisa que devo mencionar. Não preciso de uma resposta agora, mas me pergunto se o senhor não poderia vir a Londres em breve, com as despesas pagas por nós. Estamos correndo contra o tempo, e a sua presença aqui pode agilizar todo o processo.

— Não sei. Acho que sim.

— Será um prazer recebê-lo. Você é estudante universitário, não é?

— Acabei de me formar.

— Meus parabéns. Então quem sabe não adia um pouco a entrada no mercado de trabalho para fazer uma visita a Londres?

— Quem sabe...

— Pense nisso. Vou passar a ligação para Geoffrey, que vai tratar de algumas questões administrativas, como a nossa política de confidencialidade e também o planejamento da viagem. Ele vai cuidar de tudo. Sinta-se à vontade para entrar em contato com qualquer um de nós dois, mas logo vai perceber que é mais fácil encontrá-lo.

Prichard respirou fundo. Alguns instantes se passaram até ele começar a falar novamente.

— Sr. Campbell, quero lhe aconselhar a não comentar nada com a sua família até que tenha uma opinião formada a respeito de tudo isso. Não quero fomentar nenhum conflito, mas se tem direito a esse espólio, é por causa da família da sua mãe e, portanto, não seria necessário dividir com ninguém. Nem

com seu pai, nem com sua madrasta, nem com seus meios-irmãos. Por isso aconselho que seja o mais discreto possível.

— Entendo.

— Vou passar a ligação para Geoffrey agora. Espero que nossa próxima conversa ocorra pessoalmente, aqui em Londres.

Essa ligação foi há quatro dias. Desde então os dias foram longos, e foi bom entrar no avião esta manhã. Nunca viajei de classe executiva antes. As comissárias de bordo oferecem comida, champanhe e café durante todo o voo e só param quando as luzes da cabine se apagam e todo mundo reclina as poltronas. Permaneço acordado por uma hora, enrolado no cobertor. Só então ligo a luz de leitura e apanho meu caderno.

15 de agosto British Airlines, voo São Francisco–Londres

Quase não dormi na noite passada. E ainda assim não consigo dormir no avião. Depois de todos aqueles planos, sempre esperando pelo momento certo, algo acontece do nada, e agora estou num voo para Londres. Ficar não era uma escolha, tive que ir. Essa é uma boa lição.

Amanhã tenho uma reunião com os advogados. Nenhum dos documentos que localizei justifica a viagem, mas mesmo assim eles querem me encontrar. Por quê?

Não importa. Em quatro horas, vou estar em Londres. É tudo o que eu sei, e já é muito.

Fecho o caderno e encosto a cabeça no vidro frio da janela.

Acordo com o pôr do sol cor-de-rosa reluzindo através do vidro duplo. Cristais de gelo se formaram na borda exterior da janela, gotas de orvalho trazidas da Califórnia que congelaram no ar rarefeito. Em um espaço entre as nuvens logo abaixo do avião, aparecem o recorte preto de um litoral e o verde-escuro de uma extensão de terra. Parte de uma geleira enorme, azul e branca, cai no mar. Islândia. Estou às portas da Europa.

Antes de partir, fiz uma pergunta a Geoffrey Khan.

— Por que alguém deixaria uma herança para uma pessoa que nem ao menos se preocupou em correr atrás do dinheiro?

Khan suspirou.

— Mesmo que eu soubesse a resposta, não poderia lhe dizer. Informações sobre o nosso cliente só podem ser reveladas com a anuência do administrador do espólio. Você pode perguntar a James quando chegar, mas não posso garantir que ele seja capaz de lhe responder.

— Entendo.

— No entanto, posso contar uma coisa, tão óbvia que não seria uma quebra de confidencialidade...

— Por favor.

— Estamos falando de 1924. E as pessoas naquela época não eram como você e eu.

# LIVRO UM

# ÁLBION

*Filho da deusa, sigamos aonde o fado nos chame ou nos afaste.*
*Toda fortuna, qualquer que seja ela, deve ser*
*conquistada pela resistência.*

—Virgílio, *Eneida, V. 709-10*

# OS ADVOGADOS

Uma chuva fina cai do céu descorado de Londres. Abro caminho pela multidão nas calçadas da High Holborn, conferindo os nomes das ruas no mapa que tenho em mãos. *Kingsway*. *Procter Street*. Gotas de chuva se agrupam em poças escuras que refletem caminhões de entrega brancos, táxis pretos e ônibus vermelhos como doce de criança.

Viro à esquerda e então sigo pela Sandland Street até a Bedford Row. Há uma sequência de casas iguais, cada uma com quatro andares, e suas fachadas são de alvenaria aparente. Logo ao lado da entrada do número onze, há uma placa de latão em que se lê: TWYNING & HOOPER, ADVOGADOS. Aperto o botão do interfone, me sentindo ao mesmo tempo meio atordoado e inseguro. Tinha tomado duas xícaras de café pela manhã, mas elas não ajudaram muito. Olho para a câmera de segurança. As colunas brancas da porta têm capitel jônico.

— Bom dia. Posso lhe ajudar?

— Meu nome é Tristan Campbell. Tenho uma reunião com James Prichard...

Um zumbido, e então a porta é destravada pela recepcionista. Ela pega meu casaco e em seguida me conduz até uma sala de espera com um sofá de couro capitonê.

— Vou chamar Geoffrey imediatamente.

Alguns minutos depois ela volta com chá em um jogo de porcelana em uma bandeja. O chá queima minha língua, então coloco mais leite. Levanto

a cabeça e vejo que a recepcionista está olhando para mim, sentada atrás da escrivaninha. Os nossos olhos se encontram, ela sorri. Distraidamente folheio o *Financial Times* que está na mesinha de centro. Termino o chá e dou uma olhada dentro da xícara. SPODE COPELAND'S CHINA ENGLAND.

— Sr. Campbell. É um prazer conhecê-lo pessoalmente.

Khan se aproxima com passos rápidos e aperta minha mão. Ele veste um terno azul-marinho bem cortado. Seus sapatos brogue foram bem engraxados e brilham de forma impressionante.

— Vamos encontrar James?

Khan me guia por uma longa escadaria de madeira. Acima de nós, imensos painéis na parede e no teto: um rei montado a cavalo é anunciado por anjos; a jovem deusa Britânia com seu escudo e tridente, recebendo as homenagens do mundo.

Dois homens jovens, de gravata, descem as escadas com pastas marrons debaixo dos braços. Eles acenam com a cabeça de um modo solene ao passarem por nós. Olho para a minha própria roupa, comprada numa loja de segunda mão: uma camisa social amarrotada e calças velhas.

— Acho que estou muito malvestido.

Khan sorri.

— De jeito nenhum. Você é o cliente. Nós somos os advogados.

Seguimos em frente até chegar às portas duplas ao final do corredor. Khan para na soleira.

— Só uma coisa antes de entrarmos — fala o advogado, em voz baixa. — É claro que você pode chamá-lo de James. Ele não liga para formalidades. Mas quero lhe sugerir que você responda a qualquer pergunta... — hesita Khan. — Responda da maneira mais direta que conseguir. Posso dizer, por experiência própria, que tentar ser evasivo não leva a nada com James. Ele percebe logo. Seja franco com ele, e ele será honesto com você. O que você acha?

— Ótimo.

Khan abre um sorriso caloroso. Ele bate à porta e me conduz para dentro. O escritório é grande, mas espartano. Os pés da mesa com patas de leão esculpidas, o tampo coberto de pilhas de papel arrumadas. Um sofá de couro e poltronas. Um tapete persa imenso. Prichard está de pé atrás da mesa, lendo com atenção a folha de papel que segura em frente ao rosto. Ele tem cabelos grisalhos e usa gravata e um suéter sobre uma camisa com abotoaduras francesas. Acena para nós, e depois caminha de um lado para outro, entre a janela e a lareira, com os olhos grudados na folha de papel. Prichard

pousa a folha na mesa, a assina e pede para que a secretária a pegue. Ele se vira, sorrindo.

— Se és capaz de dar, segundo por segundo — cita Prichard — ao minuto fatal todo valor e brilho...

Ele estende a mão.

— James Prichard. Me desculpe fazê-lo esperar. Acredito que o clima de Londres está confirmando as suas expectativas.

Prichard faz um gesto na direção das poltronas, ele e Khan se sentam no sofá logo à frente. Eles cruzam as pernas na mesma direção. Fotografias emolduradas estão penduradas na parede atrás deles. Acima do ombro de Khan, há uma foto em preto e branco de um grupo de homens trajando ternos com coletes, reunidos, de maneira formal, em volta de um homem calvo de bigode branco. O homem está com a cabeça ligeiramente virada para a câmera, segurando um cachimbo numa das mãos.

— Aquele ali é Clement Attlee?

Prichard olha para mim.

— Isso mesmo. Foi nosso cliente.

Aponto para um homem jovem, alto, de cabelos claros na fotografia.

— E aquele ali é você?

Prichard assente com um gesto de cabeça, mas não olha para a foto.

— Trabalhei muito pouco no espólio do sr. Attlee. Foi chefiado por advogados mais experientes, mas me deixaram participar em algumas reuniões em nome da posteridade.

Ele faz uma pausa.

— E como foi a viagem? Por favor, não julgue Londres pelo Aeroporto de Heathrow ou pela British Airways. Nosso encanto não está em nada disso. Em que hotel colocaram você?

— No Brown's.

— Esplêndido. Já visitou muitos lugares?

— Cheguei ontem à noite.

— Bem, dê uma olhada na cidade antes de ir embora. A Torre. Regent's Park. O British Museum.

Prichard olha para Khan.

— O acordo de confidencialidade — diz Khan prontamente.

— É claro — continua Prichard. — Você já o leu com atenção?

— Já.

— E Geoffrey me disse que você não tem ninguém para representá-lo.

— Não.

Prichard faz um gesto com a cabeça.

— Como você certamente já percebeu, esse acordo proíbe que qualquer detalhe do caso seja revelado a terceiros, o que faz com que conselheiros de qualquer espécie sejam inúteis. Você vai assinar o acordo agora? Sem a sua assinatura, não posso lhe dizer nada.

Khan coloca o volumoso documento na mesa de centro entre nós e me oferece uma caneta-tinteiro. Pulo para a página final e faço uma assinatura em letra rabiscada. Khan chama uma jovem para autenticar o documento.

— Tudo o que vai ser dito daqui para frente — adverte Prichard — é estritamente confidencial. Geoffrey, eu assumo agora.

Khan sai da sala com a jovem e fecha a porta. Prichard me olha por um momento, como se estivesse esperando que eu falasse primeiro. Ele esboça um sorriso.

— É uma longa história. Você sabe alguma coisa sobre as expedições ao monte Everest na década de 1920?

— Expedições?

— Me perdoe. Geoffrey me disse que você era estudante de história, mas isso dificilmente é algo que se ensine na universidade hoje em dia. Vamos até a minha mesa? Receio que eu precise de minhas anotações para lhe explicar tudo.

Prichard puxa uma cadeira para mim na frente de sua mesa e se senta do outro lado. Vasculha no meio de um amontoado de papel, alguns datilografados, outros escritos à mão em folhas sem pauta.

— Estive revisando o caso a semana inteira... E devo preveni-lo: é uma tremenda dor de cabeça. Vou me esforçar para não sobrecarregar você com detalhes demais, mas é essencial que você entenda o "problema" do espólio Walsingham o quanto antes, porque nosso tempo é curto. A maior parte do que vou lhe contar foi registrada por Peter Twyning, o executor testamentário. Felizmente ele fez anotações meticulosas, porque percebeu desde o início que o caso seria uma dor de cabeça.

Prichard coloca os óculos de leitura, os aros com padrão de casco de tartaruga. Examina a folha à sua frente.

— O nosso cliente era um homem chamado Ashley Walsingham. Aos dezessete anos, Walsingham herdou uma fortuna substancial do tio-avô, George Risley, fundador de uma bem-sucedida empresa de transporte marítimo. Isso foi em 1913. Risley não tinha filhos, e o pai de Walsingham já havia morrido. Risley considerava Ashley como um neto. Quando Risley morreu, Ashley her-

dou a maior parte da fortuna. Peter Twyning administrou o espólio de Risley e se tornaria mais tarde o executor da fortuna de Walsingham.

"Ashley foi para Magdalene College, em Cambridge, em setembro de 1914. Uma época especialmente difícil, não é mesmo? A guerra tinha começado em agosto, e Ashley fez o que era apropriado e se alistou no Exército. No verão de 1916, ele estava prestes a ser enviado para a França. Na sua última semana na Inglaterra, conheceu uma mulher chamada Imogen Soames-Andersson.

Prichard levanta os olhos para mim.

— Esse nome lhe diz alguma?

— Não.

— É uma pena. Esperava que lhe dissesse. Imogen era irmã da sua bisavó.

Balanço a cabeça.

— Nunca ouvi falar. Soames...

— Soames-Andersson. Anglo-sueca, uma família extravagante. Twyning deixou páginas e mais páginas de anotações só sobre os Soames-Andersson. O pai dela era um diplomata sueco, adjunto da embaixada em Londres. A mãe era inglesa, aparentemente uma escultora de sucesso. Eles tiveram duas filhas, Eleanor e Imogen. O lado inglês da família, os Soames, tinha uma veia artística, e as duas filhas do casal foram educadas na mesma linha, um tanto boêmia. Eleanor mais tarde se tornou pintora com alguma projeção.

— Ela é minha bisavó?

Prichard franze a testa.

— Bem, vamos chegar lá. Como eu disse, Ashley conheceu a irmã mais nova de Eleanor em agosto de 1916. Eles tiveram um romance ou algo parecido por uma semana, e depois Ashley foi mandado para a França. Nós acreditamos que eles tenham mantido contato. Em novembro de 1916, Ashley foi gravemente ferido numa das últimas batalhas da ofensiva em Somme. E erroneamente dado como morto. Imogen foi informada de sua morte pelo nosso escritório, mas uma semana depois ficou sabendo que ele, na verdade, estava vivo. Tão logo soube da verdade, Imogen foi para a França. Localizou Ashley num hospital em Albert, perto da frente de batalha. Eles se encontraram rapidamente e tiveram uma briga, ao menos foi o que Ashley contou a Twyning. Depois disso, Imogen desapareceu. E, até onde sabemos, ela nunca mais voltou para a Inglaterra nem foi vista.

— O que aconteceu com ela?

Prichard tira os óculos.

— Não sabemos. E acho que nunca vamos saber. A srta. Soames-Andersson tinha uma reputação de ser um tanto... impulsiva, digamos assim. Pelo

menos na visão de Twyning. Pelas anotações dele, concluo que ele a considerava meio excêntrica. Com certeza, desejava que ela jamais tivesse cruzado o caminho de Ashley. Havia muita especulação sobre os motivos do desaparecimento dela, mas nada foi provado. Evidentemente Ashley acreditava que ela ainda estava viva, e disse isso a Twyning em várias ocasiões.

Prichard dá uma olhada no relógio em seu pulso. E coloca os óculos novamente.

— Mas deixei de lado a parte mais importante: escalar montanhas. No colégio Charterhouse, um dos professores de Ashley foi Hugh Price, o famoso alpinista. Price o levou para escalar no País de Gales e para temporadas de verão nos Alpes. Em 1915, Ashley foi escolhido para o Clube de Alpinismo, e no início de 1920 já era considerado um dos melhores alpinistas da Inglaterra. Em 1924, ganhou uma vaga na terceira expedição britânica ao monte Everest. Alguns dias antes de embarcar para a Índia a caminho do Tibete, Ashley veio até o nosso escritório e pediu a Twyning para rever o testamento. Anteriormente o principal beneficiário era a mãe de Ashley, mas ele pediu a Twyning para alterá-lo, deixando a maior parte dos bens para Imogen.

— Ela não havia sumido?

— Imogen estava desaparecida havia sete anos.

— Alguém pode deixar uma herança para uma pessoa desaparecida?

— Por que não? Isso não é ilegal. É apenas uma má ideia. Naturalmente Twyning tentou dissuadi-lo da alteração, mas Ashley insistiu que o dinheiro fosse colocado num fundo até que Imogen ou um de seus descendentes diretos reclamassem o patrimônio. Ele solicitou um fundo de oitenta anos. Se ninguém reivindicasse o direito a essa herança no prazo estipulado, o dinheiro seria dividido entre várias instituições de caridade — o Museu Ashmolean, o Clube de Alpinismo, algumas igrejas de aldeia em Berkshire. Essa cláusula tinha como objetivo tornar impossível que alguém impedisse Imogen de reclamar o seu direito à herança durante seu tempo de vida presumível, ou que todos os bens de Ashley fossem confiscados pela Coroa.

Prichard passa os olhos numa folha de papel em cima da mesa.

— Ashley Walsingham morreu no monte Everest em 7 de junho de 1924 durante uma tempestade, enquanto a expedição tentava alcançar o topo da montanha. A mãe dele recebeu a parte do patrimônio que lhe cabia, mas Imogen nunca reapareceu. Por décadas aguardamos o fim do prazo, para podermos distribuir o restante do dinheiro de Ashley. Já tínhamos até preparado toda a papelada. Mas, no mês passado, tudo isso mudou.

"Veja, nos últimos anos tem havido um crescente interesse pela pintura de Eleanor, embora, pelo que pude perceber, menos pela obra em si do que pelas relações dela. Eleanor era muito próxima do grupo de Camden Town e também de alguns pintores franceses de grande destaque. Mês passado uma estudante estava pesquisando a correspondência de Eleanor na British Library. Ela encontrou algo que chamou sua atenção, e a carta acabou chegando até nós. Acreditamos que ela se refira a Imogen.

Prichard pega uma cópia em cima da mesa.

— Esta carta deve esclarecer por que o sr. Walsingham deixou uma herança para Imogen ou seus herdeiros diretos. Não para a irmã dela ou os parentes dela, veja bem, apenas para os descendentes de Imogen.

Ele empurra a folha de papel pela mesa.

— A carta foi escrita em 1925, de Eleanor para o marido dela. O "C" mencionado é, claro, a sua avó. Ela tinha oito anos na época e estava tendo alguns problemas na escola.

É uma cópia da última página da carta. A letra é rebuscada, mas precisa.

*Francis acha que vou receber pelo menos oito mil francos pelo retrato de Smythe. Desde que a tela não seja danificada no transporte — o que eu receio devido ao seu formato estranho & ao empacotamento de má qualidade. Ele está certo de que Broginart vai querê-lo assim que puser os olhos nele. Não tenho tanta certeza assim.*

*Naturalmente fico muito preocupada em ouvir que C. está de novo agindo contra seus próprios interesses. Concordo que a srta. Evans é bastante obtusa & insensível quando se trata de C., ainda que não possamos negar que a menina é incontrolável & se distrai facilmente. Nós certamente fizemos de tudo para criá-la da maneira que julgamos mais adequada, mas suponho que seja igualmente verdade que fizemos certas concessões no que tange à personalidade dela & sempre vamos fazer. A cada dia que passa ela está mais parecida com a mãe, tanto em aparência quanto em temperamento.*

*Fico rindo pensando em como I. diria que isso é marca do destino ou uma assinatura divina, o fato de C. não se dobrar à educação que damos a ela e continuar sendo quem ela é desde seu nascimento. Devo admitir que algumas vezes nutro a obstinação de C., talvez por estar sem I. todos esses anos. Mas acima de tudo, eu me preocupo muito, com medo de que ela tenha o mesmo destino da mãe.*

*Tenho que ir agora — o porteiro acabou de anunciar a intrépida madame Boudin. Outra vez.*

*Queime esta carta.*

*Com amor,*
*Eleanor*

Devolvo a carta a Prichard. Ele tira os óculos e se recosta na cadeira.

— Você entende a implicação?

— Minha avó era filha de Imogen, e não de Eleanor.

Prichard assente com a cabeça.

— E você, o único descendente vivo. Acredito que essa carta não tenha sido destruída por acaso. Legalmente não podemos sequer usá-la. Não há nem ao menos uma referência a Imogen pelo nome.

— Parece bem claro para mim...

— Se for verdadeira. Mas pode não ser, por uma série de razões. É por isso que a lei não leva em consideração uma carta como essa. Precisamos de uma documentação mais substancial.

— Como o quê?

— Documentos oficiais relacionando sua avó a Imogen. Considerando que eles fizeram de tudo para esconder a maternidade de sua avó, podemos nos perguntar se um documento como esse existe de fato. Se não existir, precisamos de mais evidências como esta, que, reunidas, poderiam ser um argumento persuasivo. Mas vamos precisar de muito mais.

Penso por alguns instantes.

— Então esse Walsingham seria o pai?

— Possivelmente. E isso explicaria muitas coisas.

— Não entendo. Você acha que eu conseguiria descobrir alguma coisa em relação a isso?

Prichard se levanta. Começa a andar pela sala.

— Estamos num impasse. O fundo Walsingham foi elaborado preservando em alto grau a privacidade dos envolvidos. O que os inventariantes podem fazer no que diz respeito a uma investigação é bastante limitado. O sr. Walsingham acreditava que Imogen viria pessoalmente reclamar o espólio e não queria que ninguém ficasse se intrometendo nos seus assuntos particulares. Esta carta certamente dá a entender o porquê disso. Em todo caso, o fundo explicitamente nos proíbe a contratação de uma terceira parte para nos ajudar,

seja lá qual for o tipo de auxílio. Há oitenta anos não houve nenhuma pesquisa de sucessão, nenhuma investigação particular, nada.

Prichard para na frente de uma janela alta, balançando a cabeça.

— É exasperador, para dizer o mínimo. E perdura por toda a minha carreira. O sr. Twyning sempre dizia que o caso da fortuna de Walsingham seria resolvido mais cedo ou mais tarde, que com tanto dinheiro envolvido um herdeiro certamente apareceria. Mas isso nunca aconteceu. Você é a primeira parte externa que se habilitou para receber informações sobre o fundo, e posso lhe dizer que não foi algo fácil de conseguir. Mesmo sendo um herdeiro potencial, você tem que se submeter a um acordo de confidencialidade com o fundo, e é por isso que também não pode contratar nenhuma ajuda externa, assim como nós. Isso é pouco encorajador, mas é possível que não seja difícil encontrar as provas. Nós simplesmente não sabemos, porque sempre estivemos numa camisa de força. Sabemos que a verdade existe, mas estamos proibidos de procurar por ela.

Prichard olha para mim.

— Agora, você tem a oportunidade de ser mais bem-sucedido.

Ele volta a olhar para a janela. A chuva aumentou lá fora, a água escorre em camadas pelo vidro. Na rua, um homem corre em busca de abrigo.

— O caso Walsingham já estava no nosso escritório quando comecei a trabalhar aqui. Fez quarenta e um anos agora em março. E quero resolvê-lo antes de me aposentar, e resolvê-lo fazendo a vontade do nosso cliente. A intenção não era destinar o dinheiro a igrejas e museus. Então você pode imaginar minha satisfação ao encontrar esta carta e tomar conhecimento de sua existência. Vamos dizer que esse caso é um dos meus legados. E não gostaria que fosse uma derrota.

— Eu não saberia por onde começar.

Prichard assente.

— Deixe-me lhe dar um conselho. Se houver uma prova da sua relação com Imogen, duvido muito que isso esteja em arquivos do governo ou coisa parecida. Você pode procurar, é claro, mas você e Geoffrey já passaram por isso com a documentação da sua mãe, e uma das coisas que os inventariantes permitem que façamos é procurar documentos oficiais. Não há pista de documentação para Imogen depois de 1926. Procuramos em todos os registros conhecidos. Nada apareceu.

Prichard bate com o dedo na cópia da carta.

— Esta carta é um progresso. É a pista que você deve seguir. Uma nova evidência geralmente abre novas portas. Em oitenta anos ninguém teve o be-

nefício desse conhecimento, nem tiveram a liberdade que você tem. Você está me acompanhando?

— É incrível.

— Certamente. É também uma confusão. E estou pedindo a você que tente esclarecê-la. Você não vai me agradecer, porque ainda não lhe disse a pior parte. Hoje é dia 16 de agosto, não é?

Prichard se senta à mesa novamente e pega outra folha de papel.

— Ashley Walsingham morreu em 7 de junho de 1924. As notícias apareceram na imprensa britânica no dia vinte e um. Assim que ficou sabendo, Twyning tentou entrar em contato com Imogen, mas, é claro, não conseguiu. Sendo assim, o espólio de Walsingham passou para o fundo em 7 de outubro de 1924. Você se lembra de que era um fundo de oitenta...

— Daqui a dois meses.

Prichard olha para mim.

— Mais ou menos. Se o espólio não for reclamado, passará para os beneficiários alternativos no dia 7 de outubro. Isso lhe dá umas sete semanas, se tanto. Você entende agora por que insisti para que você viesse a Londres o mais rápido possível? E lhe digo mais, parece uma falta de sorte só agora ter tomado conhecimento desta carta, mas imagine se a tivéssemos descoberto daqui a dois meses. É uma questão de perspectiva. Um pessimista diria que você tem sete semanas para encontrar o que não se conseguiu achar em oitenta anos...

Prichard chega para a frente e tem um sorriso meio torto nos lábios.

— Deixe-me lhe perguntar uma coisa: você não é pessimista, é?

Hesito.

— Não tenho certeza.

— Parece um inglês falando. De minha parte, estou confiando que você pode fazer muito até outubro. Não digo que você vá achar uma prova, porque não sabemos se ela existe. Mas você será capaz de rastrear o que é possível ser rastreado.

Prichard aperta um botão no telefone. Pede para Khan voltar.

— Como sempre, Geoffrey pode ajudá-lo a agilizar os detalhes. Ele é o seu contato aqui dentro. Boa sorte.

Prichard se levanta, eu dou um salto meio atabalhoado da cadeira e o sigo até a porta. Ele aperta minha mão outra vez.

— Se eu puder ajudar em algo, não hesite em me telefonar.

É um dia comum quando Tristan Campbell recebe a carta que mudará sua vida para sempre. Procurado por um escritório de advocacia da Inglaterra, o jovem americano descobre que pode ser herdeiro de um grande patrimônio guardado há oitenta anos. Para receber os bens, terá que reunir evidências que comprovem seu parentesco com Imogen Soames-Andersson, a beneficária original da fortuna de Ashley Walsingham, com quem ela viveu um intenso caso de amor uma semana antes de Ashley partir para as trincheiras da Primeira Guerra Mundial.
Com pouco tempo para reunir as provas que o permitirão ter acesso a essa herança, Tristan parte para a Europa em uma corrida contra o relógio, que o levará não só a juntar as peças de um caso de amor varrido pelo tempo, mas a dar início a sua própria história.

"Uma obra notável."
—*BOOKLIST*

"Uma trama impressionante, impossível de parar de ler."
—*LIBRARY JOURNAL*

"Arrebatadora e ambiciosa, a narrativa de estreia do autor combina pesquisa histórica acurada e sensibilidade literária."
—*FINANCIAL TIMES*

ISBN 978-85-8057-709-9
9 788580 577099
www.intrinseca.com.br